

## DEZ LIVROS PARA CONHECER OS SISTEMAS DE ESCRITA

*Paulo Chagas de Souza (DL)*

Cerca de cinco mil anos atrás a humanidade começou a registrar de forma sistemática enunciados linguísticos em suporte material. Surgiu a escrita. No decorrer dos milênios os sistemas de escrita se multiplicaram e hoje em dia existe uma imensa variedade de tipos com características por vezes extremamente diversas.

O sistema de escrita mais familiar para nós é o alfabeto. É comum não só leigos, mas alguns pesquisadores utilizarem esse termo para denominar sistemas de escrita de tipos bem diversos. Como vários autores, no entanto, reservo o termo *alfabeto* para os sistemas que grafam tanto vogais quanto consoantes como grafos independentes, colocando numa categoria à parte os *abjads* (como o hebraico e o árabe), em que muitas vogais não são grafadas, e os *abugidas*, que grafam as vogais como acréscimo a consoantes (como o devanágari, o tibetano e diversas escritas do sul e sudeste Asiático). Nem todos os autores abaixo seguem essa distinção, usando muitas vezes o termo *alfabeto* para se referir a esses três tipos de sistema de escrita.

A variedade visual dos sistemas de escrita e a inacessibilidade daqueles com que não estamos acostumados são um tema intrigante e fascinante. Em que eles diferem? Existem características comuns a todos eles? Estudar seu funcionamento linguisticamente nos permite identificar que provavelmente a distinção mais fundamental entre os sistemas de escrita é a que os posiciona dentro de um *continuum* de representação do significado ou do significante, a parte sonora da língua que serve de veículo para transmissão do significado.

Nenhum sistema de escrita usado cotidianamente para grafar línguas representa puramente o significante. O sistema de transcrição do alfabeto fonético internacional é o que mais se aproxima disso, mas a escrita de nenhuma língua se baseia nele.

Quanto a representar diretamente o significado, a escrita *bliss* tem esse objetivo, mas mesmo ela acaba utilizando a sintaxe de uma língua específica, com uma ordem específica dos elementos significantes, não representando, portanto, o significado diretamente.

Por isso também o termo *ideograma* é um termo equivocado. Como caracterizar o que é uma ideia? Ela pode ser uma palavra, uma oração, um período. Não é nenhuma unidade linguística específica. Nenhum sistema de escrita funciona representando

elementos vagos assim. Eles representam alguma unidade linguística, seja ela um fonema, uma sílaba ou parte dela, ou um morfema. Essas unidades representadas na escrita são ainda unidades de uma língua específica, sendo, portanto, estritamente linguísticas.

Talvez surpreendentemente um elemento gráfico que representa o significado sem remeter ao significante tem se difundido nas últimas décadas: os ícones ou sinais icônicos. Em grande parte isso resulta do aumento enorme do contato entre povos de origens e línguas diferentes, o que faz com que passar pelo significante seja um embaraço à comunicação entre todos. Deve ser ressaltado, contudo, que esse uso se restringe essencialmente a avisos em locais públicos, manuais de instrução, etc., não sendo um sistema de escrita completo.

A lista de obras a seguir sobre os sistemas de escrita procura considerar em parte a representatividade das obras e em parte o fato de elas estarem acessíveis ao leitor brasileiro.

1. Rogers, Henry (2005). **Writing Systems: A Linguistic Approach**. Oxford: Blackwell.

Uma excelente introdução ao estudo dos sistemas de escrita de uma perspectiva linguística. O capítulo inicial discute o conceito de escrita, o que a define e a distingue de outros sinais gráficos. O segundo capítulo apresenta os conceitos linguísticos preliminares necessários para a compreensão dos sistemas apresentados no livro.

Os capítulos seguintes discutem mais detidamente os diversos tipos de sistema de escrita. Talvez surpreendentemente, a primeira escrita que Rogers examina com detalhe é a chinesa. O capítulo seguinte trata de três línguas que passaram a ser escritas a partir do contato com a língua e a cultura chinesas, a japonesa, a coreana e a vietnamita. Em seguida vem a escrita cuneiforme, o primeiro sistema de escrita inventado, que foi usado para escrever um grande número de línguas genética e tipologicamente diversas na antiguidade. Depois disso vem a escrita egípcia, que passou por diversas fases, e apresenta elementos de natureza bem heterogênea. Os capítulos seguintes tratam das escritas semíticas, de base essencialmente consonantal, as quais recebem a denominação de *abjads*; do alfabeto grego, o primeiro a grafar tanto consoantes quanto vogais, sendo assim o primeiro alfabeto propriamente dito; do alfabeto latino; da escrita inglesa, já que o livro é escrito em inglês; do *abugida* indiano,

em que as vogais são acréscimos às consoantes, e outras escritas fonográficas asiáticas; da escrita maia; e de outros sistemas de escrita. O capítulo final faz uma retomada do que foi visto e discute algumas propostas de classificação dos sistemas de escrita em geral.

2. Coulmas, Florian (2003). **Writing Systems: An Introduction to their Linguistic Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press.

No capítulo inicial, Coulmas discute o que é escrita, trazendo definições de várias culturas e épocas. Coulmas caracteriza os sistemas de escrita como sendo voltados para a representação do significado ou do significante e formando um *continuum* que vai da semiografia pura até a fonografia pura. Ele retoma Saussure, e concorda com a afirmação deste que a língua e a fala são dois sistemas de signos diferentes, mas não concorda com a afirmação de que a escrita existe unicamente para representar a fala, pois a escrita segue sua própria lógica, que não é a mesma da fala.

A seu ver, a escrita e a fala são sistemas distintos, que têm funções em comum mas também funções distintas e que se relacionam de maneira extremamente complexa. Isso se deve às diferentes características dos meios que usam, e ao fato de os aspectos biomecânicos e cognitivos envolvidos na produção e recepção das duas serem diferentes. Dessa forma, não há por que pressupor que a escrita deva refletir perfeitamente a fala.

Coulmas classifica os sistemas de escrita como contendo signos de palavras, de sílabas ou de segmentos, além de sistemas mistos. Descartando o termo *ideograma* como inadequado, Coulmas usa o termo *logograma*, embora ainda o considere impreciso, por sugerir que a palavra é a unidade proeminente da escrita. A seu ver, os sistemas que têm a sílaba como unidade básica são numerosos, mas a maioria dos silabários é defectiva ou incompleta, se examinados de um ponto de vista teórico ideal raramente atingido. Um fator é que dificilmente as línguas têm uma estrutura silábica suficientemente simples para que surja um sistema econômico e de fácil interpretação. Os capítulos finais tratam da história, da psicolinguística e da sociolinguística da escrita.

3. Coulmas, Florian (1996). **The Blackwell Encyclopedia of Writing Systems**. Oxford: Blackwell.

Essa enciclopédia apresenta informações sucintas e acessíveis ao leitor sobre os sistemas de escrita e ortografias das principais línguas do mundo, além de questões teóricas de relevância sobre a relação entre a fala e a escrita.

Os verbetes aparecem em ordem alfabética, e além de sistemas de escrita específicos, tratam de temas variados ligados à escrita, indo de temas amplos como as funções da escrita e a questão da monogênese da escrita a minúcias como o acento agudo, passando por figuras e momentos históricos como Lepsius, Sequoyah e a reforma carolíngia, objetos históricos como os incunábulos, aspectos gráficos como as ligaduras, e questões como a digrafia e a tipografia. A extensão de cada verbete varia de poucas linhas, quando se trata de explicações de termos ou conceitos, até algumas páginas, por exemplo, na discussão de cada sistema de escrita específico. Quando relevante, ao final de cada verbete há referências à bibliografia de mais de 600 obras listadas no final do volume para que o leitor possa aprofundar os temas de seu interesse.

Das várias abordagens possíveis no estudo da escrita, é privilegiada a abordagem linguística, mas sempre levando em consideração as conexões com a história, a paleografia, a sociologia e a psicologia.

4. Daniels, Peter T. e Bright, William (1996). **The World's Writing Systems**. Oxford: Oxford University Press.

Obra monumental, com especialistas como autores de capítulos sobre temas específicos dos sistemas de escrita, sejam eles capítulos sobre o sistema de escrita de línguas específicas, ou capítulos sobre outros temas, tais como a decifração de diversos sistemas de escrita.

A Parte 1 do livro, intitulada “Gramatologia”, trata do estudo dos sistemas de escrita, da história do estudo da escrita e da tipologia dos sistemas de escrita. A Parte 2 trata dos sistemas de escrita do antigo oriente médio, região em que surgiu a escrita, abrangendo principalmente os cuneiformes, a escrita egípcia e outras semíticas. A Parte 3 trata da decifração dos sistemas de escrita, tanto do método de decifração quanto de exemplos de como certos sistemas de escrita foram decifrados.

As Partes de 4 a 8 seguem uma divisão geográfica, tratando, respectivamente dos sistemas de escrita do extremo oriente, da Europa, do subcontinente indiano, do sudeste asiático e do oriente médio. A Parte 9 trata dos sistemas de escrita inventados em tempos modernos.

As demais partes do livro cobrem questões que se relacionam com aspectos extralinguísticos.

Seguem-se seções que tratam do uso e adaptação dos sistemas de escrita; da sociolinguística dos sistemas de escrita; dos sistemas de notação secundários; e de questões tipográficas.

Há muitas ilustrações, tabelas indicando a correspondência dos sinais gráficos com a pronúncia que representam, e diversos textos com análise morfológica e tradução.

5. Cagliari, Luiz Carlos (2009). **A História do Alfabeto**. São Paulo: Paulistana.

Livro sucinto, que traz os elementos essenciais sobre a trajetória no tempo dos sistemas de escrita. Um capítulo trata especificamente da escrita egípcia, apresentando suas transformações com o passar do tempo. Outro capítulo trata das diversas escritas cuneiformes, as primeiras a serem inventadas, pelos sumérios, e que tiveram grande difusão no Oriente Médio.

Contém ainda um capítulo sobre os estilos das letras, que trata, entre outras, das letras unciais, carolíngias e das góticas, entre elas a *fraktur*, usada na Alemanha até a Segunda Guerra.

O capítulo final traz dois pontos de destaque. O primeiro deles é a importância da ortografia, que congela uma representação gráfica, afastando os alfabetos de uma correspondência exata com a pronúncia, mas possibilitando seu uso mais amplo dentro da variação existente em toda comunidade. O segundo é o princípio cumulativo, que aponta que velhos usos permanecem no sistema, à medida que novas formas vão surgindo. Isso se reflete na mistura de elementos diversos na escrita, por exemplo, na existência de maiúsculas e minúsculas, nos acentos, nos números, abreviaturas, pictogramas, entre outros elementos.

6. Fischer, Steven Roger (2009). **História da Escrita**. São Paulo: UNESP.

Livro extremamente rico em termos de aspectos históricos dos sistemas de escrita. O livro foca na história dos principais sistemas de escrita, sua origem, suas características e suas mudanças com o passar do tempo, tendo sempre em mente o aspecto social da escrita.

Segundo Fischer, se já foi privilégio de poucos, hoje a escrita é algo conhecido por cerca de 85 por cento da população mundial, sendo que todas as sociedades modernas se baseiam na escrita. Como resultado de uma série de desenvolvimentos fortuitos, o alfabeto latino se tornou o sistema de escrita mais importante hoje em dia. Ele contém vestígios mínimos de um dos mais antigos sistemas de escrita, os hieróglifos, já que a letra *m* em última instância deriva de um /n/ egípcio que era na origem uma representação gráfica de ondas.

Uma das ideias que Fischer defende é a de que ninguém ‘inventou’ a escrita, já que aparentemente todos os sistemas de escrita parecem descender de sistemas ou protótipos anteriores, que foram tomados de empréstimo, adaptados ou convertidos para se adequar à língua e às necessidades sociais de um povo diferente.

A escrita muda à medida que a humanidade muda. Ela é um termômetro da condição humana. O original foi publicado em 2001 em Londres pela Reaktion com o título *The History of Writing*.

7. Jean, Georges (2002). **A Escrita: Memória dos Homens**. Rio de Janeiro: Objetiva.

Livro de bolso sobre a escrita extremamente rico em ilustrações coloridas. Fala da escrita como tendo tido um nascimento humilde, as gravuras em cavernas, vinte mil anos antes da nossa era. O capítulo 1 trata também do surgimento da escrita, com os cuneiformes, o que se deu por necessidades de contabilidade. O capítulo 2 trata de outras escritas antigas, como a do Egito e a da China, e destaca o fato de que a escrita foi por muitos povos considerada como um presente dos deuses. O terceiro capítulo, a revolução do alfabeto, trata das escritas semíticas, e de como delas surgiu o alfabeto, primeiro o grego e depois o latino.

O capítulo 4 trata de aspectos históricos externos ao sistema da escrita em si no mundo ocidental. Ao falar dos manuscritos, trata da importância dos monges, dos pergaminhos, das abadias, dos mosteiros. Discute o papel de calígrafos, iluminadores, miniaturistas e encadernadores na história do livro. E aponta a gradativa laicização da escrita.

O capítulo 5 trata da história da reprodução do texto escrito, indo dos copistas à imprensa.

O capítulo 6 narra a decifração dos hieróglifos, dos cuneiformes, e do linear B. O livro se encerra com uma discussão muito bem ilustrada da escrita no mundo atual,

considerando que a letra se tornou uma entidade à parte, uma experiência visual de certa forma destacada de qualquer associação semântica.

O original foi publicado em 1987 pela editora Gallimard com o título *L'écriture, mémoire des hommes*.

8. Sampaio, Adovaldo Fernandes (2009). **Letras e Memória. Uma Breve História da Escrita**. Ateliê.

No capítulo inicial, que passa pelos diversos sentidos do verbo *escrever*, acompanhado de inúmeras citações, além de outras palavras com a mesma raiz, o autor chega ao termo *escrita*. O segundo capítulo apresenta uma breve história da escrita. A ênfase é no aspecto histórico de fato. Não apresenta uma discussão aprofundada sobre características linguísticas dos sistemas de escrita, mas contém farta ilustração de textos escritos em oitenta línguas/sistemas de escrita. Um livro muito bom para quem quiser se familiar principalmente com o aspecto gráfico dos sistemas de escrita do mundo todo.

9. Gnanadesikan, Amalia E (2009). **The writing revolution: cuneiform to the internet**. Oxford: Blackwell.

Como o título sugere, uma característica importante do livro é destacar o papel inovador que a escrita e outras invenções relacionadas a ela tiveram na história da humanidade.

Como escreve Gnanadesikan, a escrita é uma das mais importantes invenções da humanidade, equiparando-a à agricultura, à roda, e ao uso controlado do fogo.

A irrigação tornou possível o surgimento de cidades na Mesopotâmia, e com elas a civilização. A escrita surgiu como uma necessidade de uma dessas civilizações, a suméria. Os cuneiformes sumérios eram muito complexos e se tornaram mais complexos ainda quando adaptados pelos acádios para sua língua.

A escrita egípcia surgiu como uma escrita logográfica e gradualmente se modificou na direção de uma escrita consonantal, contendo grafemas mono, bi e triconsonantais, além de determinativos.

Uma característica incomum deste livro é que a autora reserva capítulos à parte para a escrita na Mesoamérica, onde os olmecas, predecessores cultural dos maias, criaram um calendário complexo e aparentemente esse foi o fator que estimulou a

criação da escrita para registrar datas; para Sequoya, o índio cherokee que criou sozinho um sistema de escrita para sua língua, o qual os falantes nativos conseguiam aprender com grande facilidade; e para o linear B, com as dificuldades de sua decifração, entre as quais o fato de ele não representar as sílabas como CV, omitir consoantes na coda, representar sílabas como [tri] como ti-ri, e sílabas como [spha] como [pa], sem distinguir a aspiração e sem representar o [s] inicial. Todas essas características foram um obstáculo importante inclusive na identificação da língua escrita como grego.

Outro diferencial desse livro é destacar a difusão da escrita semítica, com um capítulo que narra como o aramaico, língua semítica, predominou como língua escrita e de cultura no Oriente Médio e influenciou muitos povos, tendo seu sistema de escrita sido adaptado para línguas iranianas, e indiretamente chegado à Mongólia e à Manchúria.

O capítulo sobre o grego trata das diferenças fonológicas entre o grego e o fenício, e como isso provavelmente acabou levando ao surgimento de um alfabeto no sentido estrito, com representação tanto de consoantes quanto de vogais. Embora essa tenha sido uma mudança importante na história da escrita, Gnanadesikan considera que os que alardeiam as maravilhas do alfabeto grego estão equivocados, pois o verdadeiro exemplo de perfeição dos sistemas de escrita é a escrita coreana.

O livro tem um componente histórico forte e conclui com reflexões a respeito da internet e do impacto que o hipertexto já tem no mundo atual.

10. Sampson, Geoffrey (1996). **Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia**. São Paulo: Ática.

O livro se estrutura em torno das características tipológicas dos sistemas de escrita, incluindo considerações históricas ou psicológicas apenas quando pertinentes. Depois de distinguir a semasiografia, que procura representar o significado, da glotografia, que procura representar enunciados de línguas específicas, afirma que os sistemas de escrita todos se incluem neste segundo grupo, Sampson assinala que, longe de ser apenas um precursor primitivo da glotografia, no mundo atual a semasiografia tem ampliado seu uso de maneira considerável.

Sampson baseia sua classificação no conceito de Martinet da dupla articulação da linguagem humana, e afirma que existe a possibilidade de um sistema de escrita se basear na primeira articulação, os sistemas logográficos, baseados nas unidades



significativas, enquanto os sistemas fonográficos têm como base as unidades fonológicas.

Depois dessas preliminares teóricas, seguem-se capítulos que tratam: dos cuneiformes sumério e acádio; do linear B; do sistema consonantal semítico; do alfabeto greco-latino; do sistema coreano, baseado em traços segundo o autor; do sistema logográfico chinês; do sistema misto japonês; e da controversa ortografia inglesa, já que é nessa língua que o livro foi escrito.

Tradução do original inglês de 1985, *Writing systems: A linguistic introduction*, publicado pela Stanford University Press.